



O DOM-JUANISMO EM BERGMAN: UMA LEITURA DO ABSURDO N’O *OLHO DO DIABO* (1960)¹

Rafael Souza Simões²
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma análise do filme *O Olho do Diabo* (1960), de Ingmar Bergman, sob a luz da teoria do absurdo de Albert Camus, desenvolvida em seu livro filosófico *O Mito de Sísifo* (1942). Em ambas as obras há uma apresentação e abordagem da figura de Dom Juan, que possuem semelhanças de interpretação. Assim, essa observância será vista sob o viés do *dom-juanismo*, fenômeno que descreve a visão de vida e de morte dessa personagem, encontrando paridades entre o filme e o postulado teórico-filosófico supracitados.

Palavras-chave: Cinema. Filosofia. Ingmar Bergman. Albert Camus. *dom-juanismo*.

Resumo expandido

Ingmar Bergman é um diretor de poucos temas. Mas, ao contrário do que se possa imaginar, dada a grande quantidade de obras escritas e dirigidas pelo sueco, isso não é um aspecto negativo. Pelo contrário, significa que, mesmo dentro de uma camada limitada de assuntos, todos ligados à própria biografia do diretor, que “descortinam as dores e vazios existenciais mais profundos do ser humano” (CASTAÑEDA; LUCCAS; ZACHARIAS, 2012, p. 10), ele conseguiu extrair uma infinidade de tramas.

O amor, o desejo e a morte são os temas mais recorrentes em sua vasta produção. *O Olho do Diabo*, de 1960, apesar de não figurar entre os mais comentados no debate especializado da sétima arte (talvez por embarcar na comédia, gênero pouco consoante ao restante da obra de Bergman), concentra esses três eixos temáticos. A obra, baseada em um ditado popular irlandês – “A castidade de uma mulher é um terçol no olho do diabo” -, nos traz a figura de Dom Juan (Jarl Kulle), que é trazido de volta à terra por Satan (Stig Järrel) para tentar seduzir Britt-Marie (Bibi Andersson), uma mulher casta, filha de um

¹ Trabalho apresentado à 8ª SAU 2019 - Semana do Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Goiânia - Laranjeiras.

² Discente do 8º semestre do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. E-mail: r.simonlitera@gmail.com



pastor, que está prometida de casamento a outro homem. Entretanto, a tarefa se mostra mais difícil do que o próprio Dom Juan, conhecido por sua infalível sedução, pode imaginar.

Dom Juan, muito embora já tivesse sido mostrado por diversos outros autores da literatura – sua criação é atribuída ao escritor espanhol Tirso de Molina – e do teatro – tendo a peça homônima de Molière como a principal representante – não havia ganhado até então uma abordagem mais profunda e filosófica como esta do filme de Bergman. Aqui, o sedutor, diante da incapacidade de concluir seu plano de conquista, é mostrado como um ser mais complexo que, contrariando o arquétipo de um aproveitador sentimental, se alimenta dessa eterna conquista para declarar sua existência.

Essa profundidade psicológica coaduna com o pensamento de Albert Camus, escritor e filósofo franco-argelino que, em sua obra *O Mito de Sísifo* (1942), descreve uma postura desse personagem mítico, cunhada por ele de *dom-juanismo*. Não se sabe ao certo se Bergman teve contato com a obra de Camus, antes ou depois da concepção do filme, o que não seria de se estranhar, dada sua fama de leitor ávido e sistemático. Contudo, tendo em vista o fato de que ambos expuseram o mesmo personagem com visões tão próximas, uma leitura d’*O Olho do Diabo* na visão de Camus é facilmente justificável.

Primeiro, o que Camus caracteriza como dom-juanismo está dentro de um contexto que ele chama de absurdo. Essa terminologia se configura como uma “revolta da carne” (CAMUS, 1989, p. 13), ou seja, a constatação humana de que o tempo está contra sua própria existência e, buscar sentido para a vida em algo além do mundo palpável é uma forma de “suicídio filosófico” (Idem, ibidem, p. 24). O sedutor engendra entre os vários tipos de “homens absurdos” que são caracterizados na obra *O Mito de Sísifo* (1942).

Para Camus, Dom Juan é uma representação perfeita do homem absurdo, uma vez que não aguarda nada além da vida, pois, para ele, “o que vem depois da morte é fútil”, já que essa vida, dedicada ao amor supremo, o satisfaz e o arrebatava, e “nada é pior do que perdê-la”.



Assim, essa relação entre a vida e a morte é fator essencial para se compreender a representação da figura de Dom Juan n' *O Olho do Diabo*, de Bergman. O amor e o desejo, ideias caras ao diretor, perpassam por toda a obra. Satan, que manda D. Juan de volta para a terra usa o primeiro – o amor – em detrimento do segundo – o desejo. É por isso que escolhe o maior sedutor de todos, a fim de não restar dúvidas de que a missão será cumprida. Esse motivo maior está evidente. Entretanto, e por fim, que subjaz a isso é justamente a visão de Dom Juan a respeito da vida e da morte.

Viver novamente para seduzir, para ele, é estar novamente inserido em uma exaltação da existência. Os prazeres, por mais transitórios que possam parecer (e ele bem o sabe) é a maneira mais legítima de se agarrar ao tempo. Mas se o próprio inferno não o desagrada, já que entende que morrer fisicamente faz parte do jogo, o que é a verdadeira morte para Dom Juan? É quando seu amor não é consumado. É quando Britt-Marie, além de se desvencilhar de todas as investidas do sedutor, ainda diz que quando o olha, só enxerga solidão e morte. Ela não o ama. E não ser amado, para Dom Juan, é morrer verdadeiramente.

Isso se evidencia ainda mais quando Dom Juan, sem ter cumprido seu desígnio, volta para o inferno, e Satan o condena a ouvir detalhadamente, pela eternidade, todas as carícias e juras de amor que Britt-Marie troca com seu agora marido. Isso o desola. Não pelo ciúme, mas pela constatação clara de que não teve seu amor correspondido e, portanto, não mais vive. Se Dom Juan “busca a saciedade” (CAMUS, 1989, p. 15), não ter um objeto amoroso que sequer lhe permita iniciar essa abundância é, portanto, seu fim.

Referências:

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**: ensaio sobre o absurdo. Trad. Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

CASTAÑEDA, Alessandra; LUCCAS, Giscard; ZACHARIAS, João Cândido (org.). **Ingmar Bergman**. 1ªed. Rio de Janeiro: Jurubeba Produções, 2012.

O OLHO do Diabo. Direção: Ingmar Bergman, Produção: Allan Ekelud. Estocolmo (SU): Svensk Filminsdustri, 87 min., 1960.